

ROTHA

Cultural

*Monlevad, Identidades, Cultura,
Memória e Médio Piracicaba*

Setembro 2022



Uma nova rotha no mundo: a serviço de nossa memória cultural!

Por Erivelton Braz

Se não há caminho, abre-se uma rotha. Foi com esse pensamento que surge este impresso, um novo veículo de comunicação, com a inédita proposta, a serviço da memória, da cultura e das identidades de João Monlevade e cidades da região, pautando ideias, discutindo demandas e resgatando a força motriz desta terra: o legado de Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad (sim, aqui sempre tratado com essa grafia, sem o e, para diferenciá-lo do município. Uma licença poética à sonoridade original de seu nome).

O francês pioneiro, o último desbravador europeu no Brasil no século XIX, viu nas riquezas das Minas Gerais um futuro promissor. Certamente, ele não encontrou facilidades em seu empreendimento. Mas fez o melhor que podia com o que tinha em mãos. Após montar uma Fábrica em Caeté, Monlevad compra sesmarias de terras próximo à São Miguel do Piracicaba (hoje, Rio Piracicaba) e inicia o projeto de sua vida e que resultou na vida de todos nós.

Como escreveu o poeta português, Fernando Pessoa, “pertenci a mim mesmo/ para pertencer a todos”, Monlevad foi senhor de Monlevad e, hoje, é senhor de Monlevade. Foi por iniciativa dele, que germinou a semente do progresso anos mais tarde, através das mãos dos gigantes engenheiros Gaston Barbanson e Louis Enschedé. Monlevad quis tanto pertencer a todos, que nunca mais voltou à França, ficando aqui, neste chão, para sempre. Fundiu-se à própria terra que edificou. Assim como Enschedé, que respeitosamente, escolheu repousar ao lado do seu precursor. Ambos se fundiram à própria terra, ao chão rico em minério, que edificou seus empreendimentos.

É sobre essa egrégora que abrimos essa nova rotha. Um novo caminho em nome da nossa cultura, da nossa memória e da nossa identidade. Este município é fruto da força do aço. Tanto que é “Capital Mundial do Fio Máquina” e, hoje, retoma laços ou [l]aços com Luxemburgo, o Grão-Ducado europeu, onde nasceram Enschedé e os bravos engenheiros da Arbed, que vieram com ele construir a magnífica Usina, a maior da América Latina, ainda na década de 1930, 50 anos após a morte de Monlevad.

A cidade tem sua história indissociável da história da siderurgia Nacional e deveria ser, sim, considerada o berço dela. Mas não como título apenas. Esse, o tempo esquece... É preciso de fato

cravar o nome de Monlevad e Monlevade, no coração do Brasil. Somos os maiores produtores de aço do país e um dos mais importantes do mundo, graças ao empenho dos heroicos pioneiros e de tantos homens e mulheres que fizeram essa cidade acontecer. Não só dos imigrantes luxemburgueses, belgas, franceses, alemães. Mas também de milhares de trabalhadores e trabalhadoras de todas as cidades da região, de Minas e do Brasil. A cada um deles, o nosso agradecimento.

Essa rotha cultural vem para celebrar, resgatar e trazer à baila a nossa memória. Não com saudosismo vazio de quem olha para um retrato na parede. Mas com a sede de quem mergulha e bebe nas fontes do passado, no legado dos pioneiros, de olho no futuro. Afinal, esse é feito de passados, inclusive, do presente.

Esse projeto foi concebido através da importantíssima realizada pela Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular é realizada pelo Favela é Isso Aí, integra o programa Forma e Transformação, promovido pela Fundação ArcelorMittal e é patrocinada pela ArcelorMittal, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais. Conta ainda com o apoio da Truim Brasil, Espaço Ampliar e Fundação Casa de Cultura, Prefeitura de João Monlevade.

Como contrapartida, esse impresso será distribuído em escolas, universidades e bibliotecas públicas, para fomentar o debate de nossa identidade: o que fomos, somos e quem queremos ser?

E o futuro? Bem, antes pensemos no hoje. “O presente é o real. O atual que se esvai e sobre ele, como sobre o passado, não temos qualquer força. O futuro é que constitui o domínio da vontade e é sobre ele que devemos centrar o nosso esforço, de modo a tornar possível e eficaz a nossa ação.” Com a citação do geógrafo, intelectual, professor e um dos maiores pensadores brasileiros, Milton Santos, afirmamos que temos sede do futuro e, sem perder de vista o passado e o presente, vamos construindo novos amanhã. Vamos juntos, vamos de mãos dadas!

Boa leitura! Siga @rothacultural



ERIVELTON BRAZ

Graduado em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Professor e jornalista, atua há mais de 20 anos na área de comunicação, com ênfase no jornalismo e marketing. Atualmente, é editor do Jornal A Notícia.

EXPEDIENTE:

JORNAL ROTHACULTURAL

Concepção e edição: Erivelton Braz
Tiragem: 1000
Distribuição gratuita
Este projeto foi viabilizado com recursos da Mostra da Diversidade Cultural João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo

(31) 9 8484-1352
Email: feliciobraz@yahoo.com.br



Jean Monlevade veio da França e com visão de futuro deu início a essa brava cidade



PATRIMONIO, MEMORIA E IDENTIDADE DA CIDADE



MAGDA VELLOSO F. DE TOLENTINO

Graduada, mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983). Foi professora do Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), na área de Teoria Literária e Crítica da Cultura. Escritora, tem diversos artigos publicados no Brasil e no Exterior, além dos livros: “O desenrolar do fio - Vivências e sonhancias” e “Música e cultura na Irlanda de James Joyce”. Organizadora do Livro Tecendo Palavras, Antologia (2017) e Travessia da Palavra (2018).

(*) Magda Velloso F. de Tolentino

O Brasil é um país sem memória. Ouvimos isso diversas vezes. Não sei quem criou a ideia. Na verdade, pode ter vindo num desses memes que recebemos através de mensagens que nos vêm através das redes sociais. Os criadores desses memes têm usado a estratégia de colocar como autores nomes tradicionais, como Einstein ou Shakespeare, sabendo que esses nomes batem um sino na mente das pessoas. Infelizes nomes famosos, que hoje servem para aguçar nossa memória!

Muitos brasileiros se admiram com a memória preservada nos países europeus e se encantam com prédios centenários em cidades como Londres, Paris, Praga, Estocolmo e outros lugares tradicionais visitados. Tenho idade suficiente para me lembrar dos anos 40, 50 e 60 do século XX, quando os casarões coloniais ou barrocos eram destruídos para dar lugar às mansões e aos prédios quadrados e modernistas. Nem cito o conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte, pois este foi construído já sob a batuta do grande arquiteto Oscar Niemeyer, criador de um estilo próprio nessa modernidade.

Muito tempo se passou antes que as autoridades se dessem conta da memória histórica contida nas construções do início de cada uma de nossas cidades brasileiras, e passassem a legislar com a proibição de demolir edifícios considerados antigos. Em alguns pontos de Belo Horizonte, por exemplo, podemos contemplar altos arranha-céus de escritórios ou hotéis constando como entrada uma casa antiga de janelas de madeira e alpendre na entrada ao lado, numa tentativa de ligar o novo ao antigo, de preservar a memória da arquitetura do nosso passado, mesmo que recente.

Essa sensação vai ser explicada pelas reflexões de Henri Bergson, em seu livro *Matéria e Memória*, publicado em 1929, reflexões sobre a memória que vieram influenciar estudos posteriores sobre o assunto. Para ele, a memória está inculcada no espírito, que ele separa da matéria. Matéria, para Bergson, é o caminho da percepção, mas as memórias ficariam armazenadas em um outro espaço, que ele chama do espírito. Ele preconiza que as memórias armazenadas ficam dormentes, à espera de serem demandadas. É como se fosse um cone cheio de lembranças passadas, cujo ápice, ao tocar o presente, são atualizadas e vêm ao consciente do sujeito. Nesse cone há uma conservação subliminar, subconsciente, de toda a vida psicológica já transcorrida. A lembrança seria então o submergir do que fora guardado, trazer à tona o que estava submerso.

Como lembra Ecléa Bosi, em seu livro *“Memória e Sociedade”*, de 1944, o verbo souvenir do francês representa bem a ideia, o do sous-venir, ou buscar o que estava em baixo (BOSI, 1994: 46). Já Mieke Ball, na Introdução do livro *“Acts of Memory”*, de 1999, vai levantar diversas faces da memória, como a memória há-

bito, a memória narrativa e a memória traumática. Mas mais importante é vê-la falar da memória cultural, que ela considera um tópico importante nos estudos atuais, onde ela desloca os discursos da memória individual, podendo ser entendida como um fenômeno não só cultural, mas também individual e social. Essa memória faz o elo entre o passado e o presente.

Daí a importância de manter o passado vivo na memória para que não se quebre a compreensão do presente e a construção do futuro. Não é à toa que nas grandes cidades do mundo (nas de hoje em dia também) proliferem os museus em diversas categorias, fazendo com que o ser humano não deixe esquecer a constituição do nosso presente. Há poucos anos, visitei na Bahia, o museu da Descoberta em Porto Seguro – é uma reiteração da memória de como iniciamos nossa vida como brasileiros com a ideia que hoje fazemos de nós como povo. Assim como visitei a Casa de Cultura de Jorge Amado em Ilhéus, que não deixa de ser a memória sobre um literato que muita repercussão teve tanto no Brasil quanto no exterior – embora seja um apanhado de história bem recente. São esforços feitos para manter na memória os fatos importantes de cada situação – como um lembrete: “Vejam os fatos que nos constituíram como somos hoje!”

A mesma coisa se dá em relação aos monumentos, casas antigas, placas, pontos turísticos de qualquer cidade deste nosso universo. Brasileiros na Europa buscam as marcas históricas de cada cidade e cada país, representada na arquitetura, nos palácios, nas estátuas e imagens espalhadas pela urbe. Apesar de sermos um país novo, temos 500 anos de tradição, 500 anos de constituição do que somos hoje. Por que não valorizar o que nos formou? Cada núcleo urbano ou rural tem sua história e seus marcos.

A cidade de João Monlevade não se cansa de lembrar seu início com o engenheiro francês Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevade no século 19, que chegou para fazer pesquisas sobre o minério. Sua residência, o Solar Monlevade, constitui hoje um dos monumentos históricos da cidade, a lembrar a todos como a cidade se formou. Assim como outros pontos importantes, como a Matriz de São José, o Museu Monlevade do Ferro e do Aço, o Cemitério Histórico e, se formos pensar bem, cada pedra da pavimentação, cada árvore plantada que hoje é centenária e frondosa, cada casa da época da construção que se conserva em pé, cada história contada ao pé do fogão – lembremo-nos que cada pedacinho individual, inserido no contexto social, será visto como um fenômeno cultural, a nos trazer à memória a constituição do que temos hoje. Importante preservação do patrimônio histórico de uma cidade como elemento de preservação da memória social e coletiva.

Patrimônio
é posse!

Patrimônio é
identidade!

Patrimônio
é resistência!



Imagem de Santana tombada pelo patrimônio de João Monlevade

SALVE, SALVE OS PATRIMÔNIOS DE JOÃO MONLEVADE

Patrimônio é uma palavra que se refere à posse de algo, de um bem, mesmo que seja por um particular, que pode ser transmitido. Já o conceito de “patrimônio histórico”, como um bem de interesse coletivo que deve ser mantido e preservado para futuras gerações, surgiu no contexto da Revolução Francesa.

Nesse período, houve muita destruição de bens que pertenciam aos segmentos sociais confrontados (a Igreja, a nobreza etc.). Nesse contexto, alguns grupos em disputa pela construção de um novo regime sociopolítico perceberam a necessidade de preservar determinados bens (na época, em

geral construções da Antiguidade Clássica, igrejas e castelos medievais, dentre outros) que aludiam à história da França e que deveriam ser mantidos como suportes materiais para expressar a memória oficial do Estado francês.

Já no Brasil, o conceito começou a ser aplicado a partir de 1937, com a criação do Sphan (atual Iphan), e passou a ser denominado “patrimônio cultural” a partir da Constituição Federal de 1988, por se tratar de definição mais ampla e adequada para se referir aos bens culturais.

Ele aparece nas dimensões material e imaterial. Os sítios arqueológicos, obras arquitetônicas,

urbanísticas e artísticas, são os bens de natureza material; quanto celebrações e saberes da cultura popular, as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, mitologias e narrativas, as línguas, a literatura oral, são os imateriais.

Em Monlevade, são patrimônios tombados: Hotel Cassino, Imagem de Santana, Ceam, Igreja São José Operário. Já os imateriais registrados são: Guarda de Marujo Nossa Senhora do Rosário, Guardas de Congado de São João Evangelista e de Nossa Senhora de Santana.

CONHEÇA, RESPEITE, PRESERVE!

"UMA CHAMA, UMA FORJA (...) E ERGUEU-SE UMA BRAVA CIDADE"



"Uma chama, uma forja (...) e ergueu-se uma brava cidade"
Trecho do hino de Monlevade, composto por Rita de Cássia Abreu e Silva, em 1972

Em 29 de abril de 2022, João Monlevade completou 58 anos de emancipação político-administrativa, mas sua história começou muito antes, com a chegada do francês Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad, em meados do século 19. Não

é possível dissociar a história do município do legado do francês precursor que, inclusive, deu origem à gigante do aço, hoje, ArcelorMittal.

Em 31 de agosto de 1935, portanto, vinte e nove anos antes da cidade de João

Monlevade ser emancipada, começa a ser construída da Usina da então Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. No município, ainda são mantidos símbolos importantes, que marcam o início da história local, a partir das origens industriais:



O SOLAR:

Por volta de 1824, ao chegar às terras do antigo arraial de São Miguel de Piracicaba (hoje município de Rio Piracicaba), Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad deu início à construção de sua residência, que teria o nome de Solar Monlevade. "Majestosa, confortável e imponente, a construção passou a dominar a paisagem à margem do rio Piracicaba. Em seu interior há uma bela capela, onde celebravam-se missas e outras atividades religiosas", dizem registros antigos. O prédio é propriedade da ArcelorMittal Monlevade, que o mantém preservado.

MUSEU DO FERRO E AÇO:

Localizado no entorno do Solar Monlevad, no museu está uma réplica da forja catalã, usada para a produção de utensílios de ferro e instrumentos para a agricultura e a mineração em sua grande fábrica. Também estão no museu, peças e equipamentos ingleses, que vieram por mar e que foram transportados em balsas, nos rios Doces e Piracicaba, além de lombos de burros, até as terras próximas ao arraial de São Miguel do Piracicaba. Com a chegada desse equipamento, a Fábrica consolidou-se como uma das mais importantes do Império.



CEMITÉRIO HISTÓRICO:

Segundo o professor Luis Prisco de Braga, "no Cemitério que construiu em sua fazenda, João Monlevad só permitia enterro dos escravos falecidos na fazenda. No centro desse cemitério, foi marcado o lugar para sua sepultura para que, dizia com gracejo, no dia do Juízo Final, pudesse chamar o pessoal que com ele ali estava". Quando faleceu, em 14 de dezembro de 1872, Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevad foi sepultado no local e o túmulo conserva todas as suas características originais. Outro personagem fundamental na história da empresa e da cidade, o engenheiro luxemburguês Louis Jacques Ensch, falecido no dia 9 de setembro de 1953, também foi sepultado no Cemitério Histórico.



MONUMENTO DOS PIONEIROS:

Estátua que homenageia os precursores da Usina e representa um trabalhador manejando o fio máquina, como era feito no passado. A peça está localizada num dos jardins externos do Solar, em frente à Usina, numa representação histórica.

Agora, a obra compõe o projeto de novo showroom que a empresa está chamando de “Espaço ArcelorMittal”. O local, construído para receber visitantes que chegam para conhecer a empresa, busca integrar o passado e futuro. Segundo o diretor geral em Monlevade, Fabiano Cristelli, o espaço propiciará uma recepção com mais qualidade e será o ponto de partida para que os visitantes conheçam mais sobre a empresa, quais as aplicações do fio máquina, como é fabricado o aço, além de conhecer a história da Usina.

MONLEVADE, BARBANSON E ENSCH OS FUNDAMENTAIS:

Além desses monumentos, a história da Usina de Monlevade deve-se a três homens que, em períodos distintos, foram fundamentais para a fundação da Usina, e pelo desenvolvimento da cidade: além do engenheiro francês, que chegou ao Brasil em 1817, outros nomes são importantes para nossa história: Os dois luxemburgueses Gaston Barbanson e Louis Ensich.



BARBANSON, O VISIONÁRIO



O engenheiro Gaston Barbanson, presidente da empresa Arbed, foi quem “acreditou no potencial brasileiro, fundou a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, sonhou e construiu a usina de Monlevade”, assim nos diz o engenheiro Antônio José Polanczyk, que também dirigiu a Usina local, em seu livro “Louis Ensich e a Belgo Mineira”.

Segundo ele, em 1920, foi Barbanson quem escolheu o local da antiga forja de Jean de Monlevade, para instalar a Usina Siderúrgica. Ainda segundo Polanczyk, os fatores mais prováveis e que tenham determinado a escolha do lugar foram: jazida de minério de ferro, florestas para produzir carvão vegetal, corredeiras no rio Piracicaba e no córrego Carneirinhos, onde poderiam ser instalados geradores de energia elétrica, sem longas linhas de transmissão.

Outra explicação para o fato, é que a mina do Andrade foi a única jazida de minério que o presidente da Arbed conseguiu comprar. No livro, ele afirma que “a antiga fazenda de Jean de Monlevade e a sua forja pertenciam ao Banco Ultramarino, credor da falida Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros, que havia adquirido a propriedade dos herdeiros de Monlevade. Em nome de Barbanson, toda a área foi adquirida, incluindo as ruínas da antiga fábrica de ferro e áreas onde se encontrava a Mina do Andrade, rica em minério da melhor qualidade”, diz trecho do livro.

LOUIS ENSCH, O REALIZADOR - POR ANTONIO JOSÉ POLANCZYK

Desde Afonso Sardinha, no ano de 1607, sucessivos governos tentaram extrair o ferro a partir das ricas reservas do solo brasileiro. Foi necessário esperar o ano 1927 quando o jovem engenheiro Louis Ensich foi designado pela Arbed para salvar a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira.

Encontrou uma pequena usina transformando penosamente cada dia umas vinte toneladas de gusa em outras tantas de laminados. Porém, este material destinava-se a ser guardado em depósitos, porque as construtoras não tinham nenhuma confiança nos produtos da siderurgia nacional. Uma empresa com sérios problemas técnicos, vendas difíceis, falta de energia elétrica e de dinheiro para pagar os empregados e fornecedores.

A forma e a competência com que atacou os problemas mostrou seus conhecimentos técnicos, e sua capacidade de liderar o empreendimento. Atirou-se a luta com suas energias de moço e os méritos de técnico, seguro de si mesmo, infundindo em seus colaboradores a sua própria confiança no futuro da empresa e na do país.

Baseado em tão pouco, deu início à sua obra que, dentro de alguns anos, causaria assombro e entusiasmo no país inteiro. A produção e as vendas cresceram de forma consistente, gerando lucro já no ano de 1928 e permitindo o pagamento de dividendos a partir do ano de 1932.

Era um dirigente presente, percorrendo as áreas de produção a pé, desacompanhado, com sua bengala, fazendo perguntas e observações diretamente aos operários. Foi a primeira usina siderúrgica integrada do Brasil, e credenciou Louis Ensich para a grande empreitada, a usina de Monlevade.

Os desafios em Monlevade eram maiores. Construída em pleno sertão mineiro, longe de tudo, faltando tudo, inclusive gente. O acesso à cidade era por caminho de tropeiros. A usina necessitava ferrovia, conseguiu que Getúlio Vargas fizesse a ligação ferroviária. Precisava de eletricidade, construiu a hidroelétrica do Jacuí.

Precisava de recursos financeiros, conseguiu dois aumentos de capital, atraindo inclusive acionistas brasileiros. Não havia alojamentos, construiu 2.400 casas, clubes, igreja, hospital, escola para crianças, cinema e postos de abastecimento. Atraiu uma centena de contramestres e operários europeus, funcionários da usina de Sabará, filhos de fazendeiros dos arredores, e mais de um milhar de descendentes de escravos analfabetos que não tinham sapatos. Com este grupo heterogêneo, ergueu a usina em uma esplanada arranca-

da da montanha com picaretas e pás.

Quatro anos após o lançamento da pedra fundamental e com a presença do Presidente Getúlio Vargas a usina estava produzindo gusa, aço e laminados. Quando Ensich completou 25 anos no Brasil, o projeto de Monlevade estava concluído. Macedo Soares, o criador e construtor da usina de Volta Redonda, reconheceu a obra de Ensich: “O engenheiro luxemburguês foi o homem que instalou a siderurgia no Brasil, sem Monlevade não seria possível a instalação da Usina de Volta Redonda”.

Ambientou-se ao Brasil, apaixonou-se por Monlevade. Afeiçoou-se inteiramente à terra que o acolheu. O seu devotamento a esta terra era tão grande, que pediu que seu corpo descansasse nas montanhas de Minas Gerais.

Chefe bondoso e humano, sua simplicidade de maneiras e espontaneidade cordial conquistou todos os corações. Não admitia privilégios ou diferenças por causa da nacionalidade, cor ou profissão de seus colaboradores. Todas essas qualidades, do industrial de visão, do administrador progressista, do chefe humano e de bom amigo, avultavam na personalidade de Ensich e faziam dele uma figura querida e respeitada não só de seus colaboradores como no círculo mais amplo das relações sociais, que tiveram a oportunidade de com ele conviver.

Foi um dirigente excepcionalmente bem-sucedido. Recuperou a usina de Sabará e realizou o sonho de Barbanson, construindo a usina de Monlevade. Endeusado em vida por sua gente e amigos, a morte trouxe-lhe a glorificação maior ante as demonstrações de pranto dos homens que o conduziram à última morada.

Faleceu no Luxemburgo onde expressiva e comovente homenagem foi lhe prestada com a presença do Grande Marechal da Corte, representando a Grã Duquesa do Luxemburgo; o Ministro dos Negócios Estrangeiros, representando o Governo Luxemburguês; Felix Chomé, Presidente da Arbed; Emmanuel Tesch e a família do falecido. Seu funeral foi apoteótico desde a chegada do corpo ao Rio de Janeiro, durante o traslado até Belo Horizonte e, depois em trem especial, passando por Sabará, finalizando em Monlevade. Seu corpo embalsamado descansa ao lado de Jean Monlevade onde pode escutar nas noites serenas e, por toda a eternidade, os sons e ruídos de sua obra prima: a Usina Monlevade.



ANTONIO JOSÉ POLANCZYK

Engenheiro, foi chefe da antiga Belgo Mineira entre os anos de 1972 e 1977 e, posteriormente, Diretor Industrial da Usina e presidente da Diretoria nos anos de 1991 a 1993. Escreveu os livros “O Imigrante Polonês e a colônia Guarany”; “Belgo Mineira” e “Louis Ensich e a Belgo Mineira.”



Alô, alô Luxemburgo, aquele abraço!

Elos de aço: Conexão

Monlevade e Esch-sur-Alzette

Por Erivelton Braz

A história de João Monlevade é construída por pontes, interações e conexões com outros povos e países. A cidade foi construída por imigrantes. E é justamente esse tema do documentário interativo “A Colônia luxemburguesa”. O filme é dirigido pela historiadora luxo-brasileira Dominique Santana, que esteve em Monlevade, Sabará e outras cidades brasileiras, em busca de informações e para a captação de imagens.

A iniciativa traz um século de histórias compartilhadas entre o ducado de Luxemburgo e Minas Gerais, a partir dos anos de 1920, com a construção da Usina de Sabará e, posteriormente, com a Usina de Monlevade.

O documentário é fundamental para entendermos uma parte importantíssima de nossa história e que é tão pouco difundida infelizmente. O material trata do êxodo de centenas de migrantes luxemburgueses para o Brasil para erguer uma siderúrgica que dará origem ao berço da siderurgia brasileira.

Além do filme, o projeto tem um site (<https://colonia.lu>) com um documentário interativo e uma plataforma de trocas de experiências coletivas, além de duas plataformas físicas denominadas [L]aço, quiosques que estão em Luxemburgo e na Praça do Povo, em Monlevade. Através de um “orelhão” é possível fazer vídeo chamadas e os cidadãos das duas cidades podem interagir. No espaço, também há exposição de fotografias, mapa interativo da Monlevade antiga e exibição do documentário.



Cônsul Charles Schmit e o prefeito Laércio Ribeiro



Laércio e a historiadora Dominique com asas pintadas pela artista Alessandra Alves em muro da Usina



Cidade de Esch é a irmã europeia de Monlevade

CIDADES- IRMÃS

O jogo de palavras [L]aço (laço=elo; aço=aço) significa literalmente elos de aço. Tanto que, a partir da iniciativa, Monlevade e Esch-Sur-Alzette tornaram-se cidades irmãs. O prefeito da gêmea europeia, Georges Mischo e comitiva, visitaram Monlevade no mês de julho para a assinatura de documento reconhecendo a irmandade.

A parceria autoriza a celebração de programas de ação, convênios e outros acordos de cooperação técnica, econômica, educacional e cultural entre os municípios de João Monlevade e Esch. O documento ainda estabelece que o Executivo promoverá as medidas necessárias para assegurar a aproximação entre as cidades, através da promoção da cultura, tradições e turismo. O intercâmbio se estenderá a programas científicos, educacionais, tecnológicos, ambientais, esportivos e comerciais.

Esse é um importante passo para uma conexão de João Monlevade, Minas e o Brasil com Luxemburgo, estreitando relações internacionais, num intercâmbio permanente. Nossa história, nossa memória e nossa identidade estão interligadas e devem, portanto, estar mais próximas em iniciativas grandiosas em todas as áreas possíveis. João Monlevade tem a chance, com essa conexão, de escrever um futuro, a partir do passado, repleto de pontes e memórias, em novos laços e novos elos.



Nádia Melina é diplomata

VERDADEIRO LAÇO

Nadia Mariana Melina é a representação em pessoa dessa relação internacional. Nascida em Monlevade há 35 anos, ela foi adotada por uma família luxemburguesa. Hoje, é conselheira política e cultural na Embaixada do Luxemburgo em Brasília e trabalha com temas de gênero, direitos humanos, meio ambiente e comunicação.

Ela estudou relações internacionais em Londres (London School of Economics and Political Science) e foi aprovada no concurso diplomático do Ministério das Relações Exteriores e Europeias de Luxemburgo em 2016 e afirma “ter sido um sonho”, poder vir trabalhar no Brasil.

“O cantor e compositor Milton Nascimento, também adotado, capturou meu sentimento de pertencimento na década de 70, cantando: Sou do Mundo, eu Sou Minas Gerais”. Durante solenidade na Câmara Municipal de João Monlevade em 1 de julho deste ano, em que recebeu a Medalha Jean Monlevade, ela afirmou ainda: “Para aqueles que me perguntam o que eu sou, explico, com muita paciência, que sou ambos, luxemburguesa e brasileira, em nenhuma ordem específica e nem metade de cada. Minha identidade não pode ser compartimentada, não pode ser dividida em metades ou terços. Essa dosagem específica depende do contexto social ou cultural em que me encontro, da língua que falo, da música que ouço ou da comida que estou comendo”.

CULTURA DE MONLEVADE PÕE O BLOCO NA RUA E MOSTRA A SUA CARA

Ação do Favela é Isso Aí que integra o Programa Forma e Transforma promovido pela Fundação ArcelorMittal apresenta 30 projetos

Mais de 60 artistas, grupos, gestores e produtores culturais de João Monlevade enviaram propostas para o edital 2022 da Mostra da Diversidade Cultural: imagens da Cultura Popular, realizada na cidade entre os meses de agosto e novembro. A comissão de seleção classificou 30 projetos com propostas de teatro, cultura popular, dança, música, artesanato, artes plásticas, culinária, além desse informativo Rotha Cultural.

João Monlevade é uma das onze cidades atendidas em 2022 pelo Favela é Isso Aí, em Minas Gerais e na Bahia. De acordo Clarice Libânio, antropóloga e coordenadora executiva do Favela é Isso Aí, a iniciativa, cumpre os objetivos de fortalecimento e divulgação da cultura das cidades e deixam como legado um registro das principais manifestações culturais de cada localidade. “Os projetos são reunidos em catálogos, vídeos e fotos disponíveis nos canais de comunicação da ONG, no site Favela é Isso Aí, plataforma digital YouTube e redes sociais”, conta.

Em João Monlevade, assim como em outros territórios, a comissão de seleção se preocupou em classificar, segundo Lucas Vilela, especialista em Comunicação da ArcelorMittal, projetos que representem as manifestações populares e realizem ações de preservação do patrimônio cultural imaterial. “Acreditamos que as iniciativas devam valorizar a cultura e os artistas locais. Sabemos que são muitos e desenvolvem importantes trabalhos que

precisam ser reconhecidos”, afirma.

Os proponentes dos projetos selecionados vão receber prêmios para realizar uma atividade em formato de apresentação na Mostra Final, nos dias 24 e 25 de setembro, na Praça do Povo, além de mostra descentralizada, entre os dias 26 e 1º de outubro em diversos locais.

Os projetos vão promover uma ação de contrapartida que registre e divulgue a cultura e o patrimônio material e imaterial local ou que ensine e repasse um ofício ou tradição, para alunos de escolas públicas, pessoas atendidas por instituições filantrópicas ou em outros locais, definido junto a direção da Mostra.

A Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular do Favela é Isso Aí, integra o programa Forma e Transforma, promovido pela Fundação ArcelorMittal e é patrocinada pela ArcelorMittal, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais. Conta ainda com o apoio da Truim Brasil, Espaço Ampliar e Prefeitura de João Monlevade. Confira a programação acessando o QR Code:



Coral Monlevade é uma das atrações da Mostra na Praça do Povo

DIVERSIDADE
DA CIDADADE

Monlevade onde estás que não respondes?



**Geraldo Magela
Ferreira,**
monlevadense,
residente em
Brasília/DF,
jornalista
profissional,
poeta visual
bissexto e chargista
como hobby



SOBRE A OBRA

Este poema visual contém um questionamento lúdico para provocar uma reflexão a respeito da identidade cultural de João Monlevade. A sua identidade no sentido cultural e histórico. Na maioria das vezes, a questão econômica, ou seja, a sua vocação siderúrgica - própria da região do Vale do Aço - faz com que isso se transforme em um dilema existencial para alguns: como nós realmente nos identificamos como povo? Estaríamos reduzidos eternamente ao fator econômico? Daí o haikaizinho: “qual cidade / no documento / de identidade?”

Já os lapsos de memória que existem

na história da cidade também são lembrados nas entrelinhas da obra, quando me aproprio de versos do poema “Navio Negroiro”, de Castro Alves, e parafraseio “Monlevade, Monlevade, onde estás que não respondes?”. Eu já havia utilizado essa estratégia literária em uma colagem antiga dos anos 80. Seria um apelo desesperado do cidadão questionador sobre uma cidade “escondida”? Não sei ao certo. Enfim, essa é uma das muitas interpretações que a obra provoca. Deixo ao leitor a função de também fazer livremente as suas próprias.

Vim ver e venci

**Joel Alves da
Paschoa**
@Joelpaschoa é
Terapeuta
Sistêmico, Artista
Plástico, Poeta e
Escritor. Pesquisador e Militante
Cultural em Monlevade na década
de 1980, quando foi
Conselheiro da
Fundação Casa
de Cultura.
Atualmente, mora
em Belo Horizonte.



SOBRE A OBRA

A obra Vim Ver e Venci é uma homenagem ao grande desbravador: o último do Século XIX - Jean Monlevade em sua resiliência visionária. O trabalho é uma interferência sobre outra obra, recorte da Última Bienal de São Paulo “Faz Escuro - Mas Eu Can-

to”, trazida a BH, e exposta no Palácio das Artes. Na leitura visual, o autorretrato feito pelo desbravador e fundador da cidade de Monlevade, faz-se paralelo ao autorretrato do artista, que se identifica e é herdeiro da mesma verve.

O trabalho segue sempre a linha de criação do artista, onde se mescla sempre uma dose provocativa. A frase Vim Ver e Venci, remete ao original “Vim, Vi e Venci”, retirada do latim e atribuída ao Imperador romano Júlio César.